

Identities e alteridades no Chile: historiografia, ensaios e fotografias sobre os indígenas (1860-1910)

MATEUS FÁVARO REIS*

O presente texto busca problematizar a construção de identidades e alteridades no Chile, durante a segunda metade do século XIX e primeira década do XX, a partir do entrecruzamento entre a produção do conhecimento histórico, de ensaios e fotografias, acima de tudo, durante a campanha de “conquista” dos territórios que continuavam a ser administrados por populações indígenas, particularmente o Wallmapu ou Araucania.

Almeja-se, portanto, focar parte das principais questões relativas ao debate sobre o lugar dos indígenas na formação do Estado Nacional chileno. Nesse sentido, o texto busca mostrar de que forma os debates em torno da construção ensaística e imagética se articularam à produção historiográfica, atuando em conjunto para a construção da identidade nacional chilena.

Assim, procura-se problematizar a articulação entre as tentativas para apreender o “outro” a partir da conquista dos territórios, principalmente, os relativos aos povos indígenas, ao analisar o processo de construção de imagens visuais e escritas que tornaram os “outros” um objeto de estudo e conhecimento.

Os textos de história selecionados, assim como as imagens e os ensaios enfocaram as populações indígenas, ao elaborar em conjunto visões ambíguas que revelaram uma mescla de repúdio e fascínio sobre esses grupos. É imprescindível focar a produção ensaística e imagética que se construiu durante o processo de formação do Estado nacional chileno para compreendermos as dificuldades que seus dirigentes e intelectuais enfrentaram para construir uma identidade nacional que, se por um lado, mobilizava o referente indígena, por outro, no interior de uma operação política excludente, afastava a possibilidade de vê-los como cidadãos, caso optassem pela não “chilenização” imposta pelos “pacificadores”.

Além disso, outras perguntas precisam orientar as pesquisas a respeito das relações entre a formação dos Estados nacionais latino-americanos durante o século XIX e as populações aborígenes, particularmente no que tange ao reconhecimento de que a heterogeneidade indígena impõe inúmeros desafios para abordar suas diferentes historicidades, seu dinamismo cultural e o desempenho como atores políticos. Nesse sentido, a presente pesquisa também é relevante por reforçar a interpretação de que é preciso ter muito

* Universidade Federal de Ouro Preto, Doutor.



cuidado com as representações essencialistas e com as projeções etnográficas que impedem perceber toda a dinâmica desses povos.

Escrita da história no Chile e as populações indígenas: uma breve introdução

Até meados do século XX, os principais personagens envolvidos na construção da historiografia chilena dedicaram pouco espaço para a abordagem das populações consideradas indígenas como atores ativos da formação do país transandino. Segundo o historiador chileno Jorge Pinto (2003), o problema da ocultação ou silenciamento das populações indígenas, particularmente em relação aos mapuche, nos livros de história havia se estruturado ao longo da segunda metade do século XIX, período no qual o Estado nacional, em processo de expansão territorial e consolidação política, avançou suas fronteiras em direção à região batizada de Araucania ou Arauco pelos espanhóis, desde o século XVI, localizada no atual centro-sul do Chile. Para usar as palavras do citado historiador chileno,

la historiografía del siglo XIX contribuyó, en no poca medida, a ratificar la imagen tan negativa que se formó la intelectualidad, la clase política y la elite chilena del mapuche en la segunda mitad del siglo pasado. Los cuatro grandes historiadores de la época -Benjamín Vicuña Mackenna, Miguel Luis Amunátegui, Diego Barros Arana y Crescente Errázuriz-, emitieron juicios lapidarios acerca del indígena. Con la sola excepción de José Toribio Medina, quien en 1882 publicó *Los Aborígenes de Chile*, en uno de los primeros intentos por estudiar científicamente a los pueblos indígenas, los demás historiadores del siglo XIX se olvidaron de ellos o simplemente los excluyeron de la historia (PINTO, 2003: 171).

Pode-se afirmar que outros países latino-americanos enfrentaram problemas muito próximos em relação ao debate sobre os indígenas no interior da formação dos Estados, das populações, das sociedades e das culturas nacionais, ainda que as respostas elaboradas nem sempre tenham sido convergentes.

No caso do país do Pacífico-Sul, as tensões a respeito dos indígenas, mais uma vez, principalmente sobre os mapuche, ultrapassaram as fronteiras dos discursos historiográficos, devido à onipresença do tema entre viajantes naturalistas do século XIX, pintores, litógrafos, fotógrafos, etnógrafos, literatos e diversos outros personagens que se viram envolvidos no processo de luta por parte do Estado nacional chileno em controlar e, para usar uma expressão muito cara ao período, “pacificar” aquelas populações que eram vistas como obstáculos e empecilhos para a expansão da chamada “civilização”, mais enfaticamente durante a segunda metade do século XIX e primeira década do século XX.



De forma convergente, como salientaram Ariel Antillana e César Loncon (1998) para as interpretações e discussões literárias, houve uma oscilação bastante evidente entre visões míticas e aquelas que buscavam se afastar de idealizações mais simplistas. Contudo, os textos dificilmente conseguiram fugir do poema *La Araucana*, do militar e poeta madrilenho Alonso de Ercilla, publicado na Espanha em 1569, após acompanhar o governador e capitão geral da Capitania do Chile García Hurtado de Mendoza na luta contra a sublevação dos recém-batizados araucanos (particularmente do grupo que ficou conhecido como *mapuche*), entre 1557 e 1559. A circulação de *La Araucana* foi bastante ampla desde a publicação do texto e recebeu diferentes interpretações ao longo dos séculos, imortalizando os indígenas que habitavam nas fronteiras sul do Império Espanhol. Ercilla apresentou a região da capitania como isolada e insular, habitada por um povo guerreiro e indomável, o que criou, ao longo da história da construção da identidade nacional chilena, uma espécie de mito das origens (SUBERCASEAUX, 1999: 51-52). Já no século XIX, por exemplo, o intelectual venezuelano radicado no Chile, Andrés Bello, um dos principais responsáveis pela construção da *Universidad de Chile*, em Santiago, leu *La Araucana* como um poema de fundação nacional do país transandino, assim como outros autores. Cabe lembrar que Pablo Neruda (1971: 9-12) afirmou que o Chile era uma “invenção de Ercilla”.

Diversos outros autores enfatizaram o caráter guerreiro dos “araucanos”, mas silenciaram sobre as negociações políticas, trocas comerciais e incorporação de hábitos que marcaram suas relações com os denominados *hispanocriollos* ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, antes do processo de independência que levou à formação do Chile. Em outras palavras, quase não abordavam as relações de aproximação que ocorreram entre diferentes populações indígenas e *hispanocriollos*. Para usar as palavras de Andrea Ruiz-Eskvide Figueroa (1993: 107), “no resulta apropiada, por lo tanto, la imagen de un enfrentamiento, siempre encarnizado y total, entre los araucanos y los españoles”. É preciso perceber que houve muitas conexões no sul do Império Espanhol na América, como salientaram, entre outros autores, Luis Carlos Parentini (1996: 108-115) e Jorge Pinto (2003: 36-53).

É possível dizer que os textos de história permitem ao leitor dizer que enfocaram as populações indígenas e, assim como nas produções literárias, em geral, ensaísticas, em particular, e imagéticas do século XIX e começos do XX, elaboraram visões ambíguas e revelaram uma mescla de repúdio e fascínio a respeito desses grupos humanos, constituindo



elementos que se tornaram extremamente importantes para os debates a respeito da construção de uma identidade nacional chilena?

Como exemplos, retomamos as críticas que Barros Arana (1999: 39) teceu no primeiro tomo de *Historia general de Chile*, ao afirmar que “os indígenas do Chile eram mais abjetos, mais grosseiros e mais degradados em razão do maior rigor do clima e da maior esterilidade do solo que habitavam”. Em seguida, ao tratar da complexão física do indígena, afirmou que “seu corpo, carente de elegância, como o de quase todos os selvagens, deixa ver o vigor, e parece apresentar um tronco mais longo em proporção com os outros membros” (BARROS ARANA, 1999: 45). O autor ainda falou em valor “sobre-humano” nas batalhas, a constância na guerra e a capacidade de suportar torturas, bem como das habilidades para nadar e a sobriedade de suas vidas. Contudo, no pêndulo da comparação pesava o fato, em sua ótica, de possuírem forças musculares inferiores “às dos homens de uma cultura superior” (BARROS ARANA, 1999: 48).

Contudo, Benjamín Vicuña Mackenna nem sempre endossou o mito construído por Ercilla, em suas obras, pois em *Lautaro y sus tres campañas contra Santiago. 1553-1557*, de 1876, interpretou o líder indígena Lautaro como bárbaro, cruel, ébrio, falso e mesmo traidor, em um período em que o debate sobre sua liderança ganhava diversas interpretações no cenário intelectual chileno.

Como salientou Jorge Pinto (2003: 168), Vicuña Mackenna encabeçava uma corrente anti-indigenista e era favorável à promoção da imigração europeia ao Chile. Pode ser fecundo comparar sua obra historiográfica e suas posições a respeito dos indígenas com o historiador brasileiro Francisco Adolfo Varnhagen, autor de *História Geral do Brasil*, publicado em dois volumes, em 1854 e 1857, pois havia muitas convergências em suas interpretações e, assim como no cenário brasileiro, se engendrou um debate a respeito de como interpretar e se relacionar com as populações indígenas. Vale ressaltar que tanto Vicuña Mackenna quanto Varnhagen argumentaram que os indígenas estavam em estado de decaimento ou de degeneração.

O interesse pelos territórios indígenas se acentuava no Chile, assim como em diferentes países das Américas, como na Argentina, Brasil, Estados Unidos e México, somente para citar alguns cenários. Por exemplo, no Brasil ocorreu a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, onde se engendrou um vasto e aguerrido debate a respeito da história indígena, vista como “obscura” e passível de investigação por



meio da etnografia e da arqueologia. De um lado, havia os defensores de uma concepção monogenista e da possibilidade de reabilitação dos chamados “selvagens” por meio, acima de tudo, da catequese, como, entre outros, Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Joaquim Norberto e Januário da Cunha Barbosa. Para a maior parte dos autores mencionados, o presente das populações indígenas estaria marcado pela decadência, mas não pela degeneração ou barbarismo absoluto (TURIN, 2013: 27-89). De outro, havia autores que criticavam as visões filantrópicas, como Francisco Adolpho de Varnhagen. Ao contrário de Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães, “concebia a civilização enquanto uma herança, fundada no poder político, que caberia aos seus herdeiros preservar e, assim, excluir aqueles que lhe fossem estranhos” (TURIN, 2013: 92).

Anteriormente às publicações dos chamados historiadores liberais do Chile oitocentista, ocorreu a publicação de *Atlas de la historia física y política de Chile* (1854), em Paris, escrito pelo viajante e naturalista francês Claudio Gay, que viveu no Chile, entre 1828 e 1842. A obra articulou textos e imagens, representadas, acima de tudo, por mapas e litografias. No mapa de abertura da obra há a identificação geral da “Araucanía” como parte do Chile e de suas populações indígenas como *indios independientes*. Posteriormente, há a publicação de um retrato de Diego Portales, que havia contratado Gay como naturalista, quando era ministro do país sul-americano. Contudo, é bastante emblemático perceber que nos mapas mais detalhados reproduzidos após o retrato de Portales, o Wallmapu ou Araucania não recebe uma atenção como as demais regiões do país, mas englobado à *Provincia de Concepción*, de forma marginal ou fronteira. Ou seja, a representação do território dos *indios independientes* já figurava como uma região “vinculada” ou adjacente à região de Concepción, o que de fato ocorria até 1852, quando foi criada a província de Arauco.

Ainda em relação ao Atlas de Claudio Gay, mais significativa foi a publicação de sete lâminas sobre “os costumes dos araucanos” em seus territórios, sempre com a presença de cavalos, guerreiros, rituais religiosos e a prática do *malón*, isto é, o rapto de animais domésticos e colonos, mais especificamente de mulheres e crianças por parte dos indígenas, inspirada numa gravura sobre o tema de ampla circulação, elaborada pelo pintor e desenhista bávaro Johann Moritz Rugendas. Vale lembrar que Rugendas, após morar no Brasil e México, viveu sua mais longa estadia americana no Chile, entre 1834 e 1842.

Rugendas foi para o Chile com o intuito de “admirar a sublime beleza dos Andes” e conhecer os “belicosos araucanos”, que tinha tomado conhecimento com a leitura de *La*



Araucana, de Ercilla (PEREIRA SALAS, 1973: 17). A viagem para visitar parte das terras do Wallmapu ocorreu em 1835 e Rugendas deixou um legado de imagens, supostamente de “caráter etnográfico”.

Sem espaço para focar a obra de Rugendas de forma mais pausada e minuciosa, não é arriscado afirmar que traçou paralelos com imagens e textos que circulavam tanto no Chile quanto em outros meridianos. Todos eles contribuía para a construção de um repertório complexo a respeito das populações indígenas que habitavam os territórios ainda não incorporados de fato ao Estado chileno.

Assim, a publicação de Claudio Gay, que incorporava imagens produzidas por Rugendas, se incluía nesse rol de textos que ainda possibilitavam representar a “liberdade” dos indígenas face aos conquistadores e colonizadores desde o século XVI. Por outro lado, contribuía para a difusão de visões que os dotavam de aspectos ameaçadores e desafiantes para a expansão da chamada “civilização”, particularmente nas representações do *malón*, que, diga-se de passagem, foram elaboradas sem que os naturalistas e viajantes experimentassem tal prática que povoava o imaginário de chilenos e argentinos do período, como bem exemplifica o poema épico *La cautiva*, de Esteban Echeverría, publicado em 1837. Contudo, vale lembrar que os *malones* e as *malocas* constituía uma prática corrente de defesa e negociação em relação ao expansionismo espanhol desde finais do século XVI, intensificando-se durante os séculos XVIII e primeira metade do XIX (LEÓN, 1990). Eles também foram praticados por colonizadores contra as populações indígenas em diferentes regiões das Américas, ainda que nem sempre tenham recebido a mesma nomeação.



Figura 01: *Un malón*, adaptação do óleo sobre tela de Rugendas intitulado *El malón*, de 1844



Um olhar, ainda que ligeiro sobre a imagem, permite-nos inferir a angústia que causava entre os chilenos e colonos que a vissem, além de reforçar visões que alimentavam um imaginário dos indígenas como pouco confiáveis, “saqueadores” e “selvagens”. Mais curioso ou mesmo perverso é reconhecer que os incontáveis povos “indígenas” que habitavam o “continente” que passou a ser conhecido como América a partir da conquista e colonização sofreram a invasão de seus territórios e o rapto de indivíduos numa proporção profundamente maior do que os conquistadores e colonos (MONTEIRO, 1994).

Para além da historiografia: etnografia, ensaios e fotografias

Quase uma década antes da publicação de *Atlas de la historia física y política de Chile*, o expatriado polonês Ignacio Domeyko, foi incorporado à Universidade do Chile e ao colégio de Coquimbo, visitou a região compreendida entre as províncias de Valdivia e Concepción, e publicou o livro intitulado *Araucanía i sus habitantes. Recuerdos de un viaje hecho en las provincias meridionales de Chile, en los meses de de enero i febrero de 1845*, pela Imprenta Chilena, em Santiago, em 1846.

O texto que apresentava dois mapas da região argumentava que as interpretações dos chilenos do momento transitavam entre comparar a heroicidade e luta pela liberdade de “um” povo que, ao contrário, das poderosas organizações políticas dos mexicas e dos incas, não havia sido conquistado pelos espanhóis, e a constatação de que haviam “conservado seu antigo caráter e seus costumes selvagens, e que ainda mantém sua altaneira frente em face do cristianismo, empunhando sua ameaçadora lança do meio de suas montanhas!” (DOMEYKO, 1846: 2). Ainda que com tons de críticas e qualificar os “araucanos” de pensativos, muito distante de associá-los à ideia comum de “bárbaro” ou “selvagem”, Domeyko (1846: 3) conclamava a população a conhecer melhor o território, os seus usos e costumes, bem como os desafios que existiam para promover a sua “redução”. A conclusão do autor era evidente:

Allí está el hermoso campo en que ejercerá sus virtudes y sus religiosos celos el sacerdote chileno; allí tendrán, el hombre de estado el más noble objeto para sus meditaciones y desvelos, el soldado ocasiones bellas para ensayar su valor cívico y su patriotismo, y la juventud chilena un espacio inmenso para sus más nobles inspiraciones. (DOMEYKO, 1846: 105).



Assim, mesmo ao se posicionar contrariamente à conquista das populações que viviam no Wallmapu, Domeyko reforçava a ideia de que não havia possibilidade de viverem de forma autônoma e soberana. Para Julio Pinto e Verónica Valdivia (2009: 61), “el precio de la ‘fraternidad, igualdad y prosperidad’ que se ofrecían a la población indígena era la supresión de su condición de tal, en un adelanto de lo que serían las políticas liberales focalizadas en ese sector de la sociedad a lo largo del siglo XIX latinoamericano”.

Salientava-se, por um lado, cada vez mais a inevitabilidade da expansão da chamada civilização ocidental e da modernidade (FLORESCANO, 2005). Afirmava-se que era preciso se adaptar ou perecer. Por outro, como enfatizou Jorge Pinto (2003: 151), “si los hombres del siglo XVI y del siglo XVII habían dado muestras de incomprensión e intolerancia, los del siglo XIX fueron todavía mucho más lejos. Su etnocentrismo y posturas, a veces abiertamente genocidas, alcanzaron niveles hasta entonces desconocidos”.

Alguns anos após a publicação do Atlas de Claudio Gay e a obra de Ignacio Domeyko, o Estado chileno estabeleceu como prioridade a ocupação efetiva das terras do Wallmapu, devido a vários fatores que não temos espaço para detalhar aqui, como a necessidade de expansão de terras para a agricultura, que se acentuou com a crise econômica de 1857, a realização de dois movimentos rebeldes da província de Concepción, com o apoio de parcelas da população indígena, em 1851 e 1859, assim como a ação do viajante francês Orellie Antoine, que se proclamou “Rei de Araucanía y de la Patagonia”, em 1861.

Durante a ocupação das terras, que enfrentou uma significativa resistência indígena, inúmeros personagens militares e civis produziram textos e imagens que, por um lado, se nutriram dos imaginários a respeito daquelas populações em circulação no período, mas, por outro, desembocaram em críticas sobre a ação dos conquistadores.

Podemos ressaltar algumas obras do pintor francês Raymond-Auguste Quinsac Monvoisin, que viveu no Chile, entre 1843 e 1858, como *Elisa Bravo Jaramillo de Bañados, mujer del Cacique*, de 1859 e *Caupolicán, jefe de los araucanos* (1859), as quais também contribuíram para a construção e difusão de um imaginário ambivalente a respeito dos “araucanos”, bem como de outras populações indígenas na América Latina, como Atahualpa, Aimberê e Cuauhtémoc, representando os incas, os tamoios e os astecas, respectivamente, como salientou Maraliz de Castro Vieira Christo (2010). No primeiro caso, o pintor acentuava



a visão das cativas “brancas”, fruto dos *malones*. No segundo, enfatizou a imobilidade dos corpos dos indígenas face aos conquistadores espanhóis.

As pinturas de Monvoisin contrastavam com as litografias publicadas no Atlas de Gay de 1854, mais próximas de descrições “etnográficas” e, em certo sentido, se articulavam às centenas de fotografias que foram produzidas sobre as populações indígenas durante a segunda metade do século XIX.

Para Alejandra Mailhe (2011), por exemplo, “geralmente, a fotografia do século XIX situa os indígenas em poses rígidas diante da câmera, limitando-se a fixar uma tipologia racial despersonalizada, e sem sugerir a dinâmica potencial dos corpos”.

Em breves linhas, a abordagem de imagens pelos estudos históricos deve estar atenta para as suas especificidades, representadas, na presente pesquisa, pelas litografias, gravuras e fotografias que foram publicadas em textos de naturalistas, mas também na forma de cartões postais e cartões de visita dos próprios fotógrafos que presenciaram o processo de “ocupação” ou “invasão” do Wallmapu. Segundo Maria Eliza Linhares Borges (2003: 69), a fotografia não deve ser tomada como um mero espelho do real, mas pode ser questionada e interpretada, pois ela não é neutra, uma vez que “[...] também cria verdades a partir de fantasias do imaginário quase sempre produzidas por frações da classe dominante”.

Segundo Margarita Ledo (1998: 37), é fecundo pensar a “foto documental como parte de la continuidad de la foto pública, en la que cabría un uso alternativo al incorporarla a la memoria social y política en lugar de servir de sustituto de la misma”. Além disso, na esteira de John Berger (1980), Ledo assinala que

para el fotógrafo esto significa pensar en sí mismo no en tanto que reportero o reportera para el resto del mundo, sino más bien en tanto que recopilador o recopiladora para aquellos que forman parte de los acontecimientos fotografiados. El otro, la experiencia política y social, adquiriendo con la foto algo de lo que *fue y es* (LEDO, 1998: 37-38).

Dentro dessa perspectiva, é necessário um olhar atento sobre as imagens fotográficas, pois, como salientou Serge Gruzinski (1994: 13-14), “com o mesmo direito do que a palavra e a escrita, a imagem pode ser veículo de todos os poderes e de todas as vivências. [...] O pensamento que desenvolve oferece uma matéria específica, tão densa quanto a escrita, ainda que frequentemente seja irredutível a ela [...]”. Para Gruzinski (1994), o debate historiográfico



a propósito do lugar das imagens deve estar atento para os interesses dos grupos que as veiculam, para os enfrentamentos de visões de mundo e para o que ficou esquecido.

A análise em conjunto de imagens e textos podem trazer à tona elementos que podem não receber a necessária valorização, quando tomados em uma perspectiva isolada, sobretudo em relação ao chamado conteúdo, como propôs Panofsky (1979: 33), ao sublinhar que “é a atitude básica de uma nação, período, classe, crença filosófica ou religiosa – tudo isso qualificado, inconscientemente, por uma personalidade e condensado numa obra”. Mesmo que Panofsky não tenha abordado a fotografia como “obra de arte”, penso que é possível fazer uma adaptação de sua interpretação para o caso em questão.

Segundo Margarita Alvarado P., Pedro Mege R. e Christian Báez A. (2001), foram tiradas mais de 900 fotografias por três fotógrafos principais, entre muitos outros: Christian Enrique Valck (1826-1899), Gustavo Milet (1860-1917) e Obder Heffer (1860-1945). Além dos autores acima citados, Jaime Edgardo Flores Chávez (2006), Alonso Azócar Avendaño (2005; 2008) e Peter Mason – em conjunto com Báez (2006) – também tem se dedicado a explorar essas fontes que ainda precisam receber mais atenção por parte dos historiadores, para além de antropólogos e sociólogos.

Vale ressaltar que as fotografias foram reproduzidas em diferentes suportes materiais e devem ter circulado por vastas partes do território chileno, como cartões-postais, *cartes de visite* e formato Cabinet. Ainda é necessário enfocar, se possível, a esfera da circulação, recepção e apropriação desses impressos, uma vez que atualmente fazem parte de coleções de diferentes museus na Alemanha, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda e, evidentemente, Chile. Para os objetivos desse texto, cabe ainda ressaltar que cobrem um longo período de publicação, entre as décadas de 1860 e 1920.

A análise das fotografias precisa ser articulada às outras imagens que foram produzidas, principalmente, no período anterior à “Ocupação da Araucania” e aos textos que proliferaram antes, durante e após o longo processo de incorporação efetiva daquele território ao Chile.



Figura 02: Jogadores de “Palín”. Gustavo Milet, 1890 aproximadamente



Figura 03: Palín, por Pierre Frédéric Lehnert, em *Atlas Atlas de la historia física y política de Chile*, de Claudio Gay (1854)



Figura 04: Gustavo Milet, 1890 aproximadamente.

Todas as fotos apresentadas falam mais sobre a intervenção do fotógrafo e de seus filtros, isto é, de seu capital cultural estético e de sua vontade de representar as práticas



indígenas com uma estética “inventada” que de seu cotidiano, caso estivesse ausente o assédio das lentes. Contudo, como salientou Marcelo Eduardo Leite,

as *cartes de visite* então, ao serem levadas pelo indivíduo que sai às ruas, ou oferecidas para aquele que eventualmente venha a visitar a sua residência, tem o papel explícito de promover a sua auto representação, amparado por sua ‘propaganda’ pessoal, típico da sociedade capitalista. Assim, elas exerciam a função de vender uma condição que demarque posição social (LEITE, 2012: 264).

Evidentemente, devemos problematizar a definição mais próxima ao universo individual-capitalista do trecho mencionado acima e suas adequações ao universo da “fronteira” centro-sul chilena. De qualquer forma, é no mínimo intrigante pensar se houve demandas por parte dos próprios “indígenas” de ser representados como algumas *cartes de visite* produzidas no período ou se o controle dos fotógrafos sobre as imagens produzidas foi completo e isento de negociações. É preciso conceder mais espaço para essa questão ao longo da pesquisa e buscar evidências que permitam sustentar essa sugestão.

Por exemplo, a imagem 1 de Milet traz uma mensagem importante para o observador, a respeito do jogo de Palín. Os indígenas, já com trajes mesclados devido à presença da “civilização”, que os vigia com a presença de cavalheiros bem trajados ao fundo, mas ainda descalços, passam uma mensagem de hierarquia entre eles. Mas também passam a ideia de que os próprios indígenas estariam incorporando os costumes do homem “branco”. Podemos comparar a fotografia de Milet com a gravura publicada no Atlas de Gay, em 1854.

Em relação à fotografia, a cena está mais evidentemente controlada, o que pode ser uma limitação da técnica da fotografia, pois não era possível captar o jogo em andamento. Contudo, a presença dos três militares montados à esquerda e os trajes dos jogadores sinalizam para a elaboração de uma mensagem de processo de “disciplinamento”, que também respondia aos anseios de grande parte dos chilenos que viviam distantes da região.

A figura 04, de autoria de Milet, é muito instigante também e demonstra claramente a estética de montagem adotada pelo fotógrafo, pois é bem ilustrativa a respeito de sua intervenção, uma vez que, segundo ele adornou as duas figuras femininas com adornos, sem respeitar a tradição do uso como forma de “símbolos de identidade e pertencimento étnico e social”, embaralhando a possibilidade de reconhecê-las no interior do universo sociocultural mapuche (ALVARO; MEGE; BÁEZ, 2001: 23-25).



As centenas de fotografias produzidas sobre os mapuche no Chile permitem diversas leituras e constituem uma instigante porta de entrada para interpretar as relações entre mundos diferentes que se chocam em disputas assimétricas, mas que também permitem o estabelecimento de diálogos ao longo do tempo. Certamente a vasta produção fotográfica daquele período era alimentada por um desejo de registrar e “retratar” um mundo, uma realidade cultural, “tal como seria”, que estaria prestes a desaparecer.

A fotografia aparecia, assim, como uma ferramenta de documentação “etnográfica”, vista muitas vezes como um discurso imparcial sobre a realidade. Dessa forma, foi extremamente eficiente na difusão de um imaginário sobre estas populações, além de transmitir mensagens que contribuíram para a elaboração de mitos e estereótipos entre a população do Chile ao longo de todo o século XX.

Com a expansão territorial do Chile e a incorporação do sul do país ao Estado Nacional, durante os governos oligárquicos, o debate sobre o que fazer com os indígenas se acentuou. Os indígenas precisavam ser assimilados, em um contexto que, assim como na vizinha Argentina, eram vistos como fora da história. Era necessário chilenuzar a Araucania, o que no discurso oficial foi divulgado como a “pacificação” da região.

Contudo, segundo Alonso Azócar Avendaño (2005), particularmente Milet elaborou uma produção fotográfica pró-indigenista, que permitiu certa valorização dos mapuche, especialmente na região de Arauco. Assim, contribuiu para matizar certas visões sobre os indígenas como “bárbaros”. Apesar disso, pensamos que é possível ver em parte das fotografias de Milet a recuperação do indígena controlado, e uma clara intervenção do olhar do “outro” sobre o cenário, as práticas e posições do corpo a registrar.

Considerações finais

Houve diálogo entre essas interpretações textuais e imagéticas com as obras de história produzidas na segunda metade do século XIX? As fotografias, que em muitos casos circularam como cartões postais ou cartões de visita, bem como a crônica de Navarro Rojas, provocaram a história como disciplina?

Para o andamento do projeto, será necessário elaborar uma interpretação mais complexa sobre a construção de imaginários sobre os indígenas por meio da fotografia, em debate com algumas obras de antropólogos, etnólogos e historiadores chilenos, publicadas



desde inícios do século XX até o presente, mas é possível dizer que dialogaram com a publicação de obras que os colocavam no centro de um espectro de fascínio e rechaço ao longo do final do século XIX e princípios do XX.

Segundo Bárbara Silva Avaria (2008: 49-51), a construção da identidade nacional chilena ao longo do século XIX mobilizou o referente indígena, fundamentalmente em relação aos mapuche, devido à construção de uma identidade que buscava se afastar da hispanidade mais estreita em relação aos antigos colonizadores, e da necessidade de contar com um aliado importante na consolidação do território Estado nacional. Nesse processo, alguns personagens ganharam certa notoriedade, vistos como “heróis” indígenas contra os conquistadores incas e/ou espanhóis, a exemplo de Lautaro (Toki Leftraru), Caupolicán (Ñgidol Toki Kalfulikan) e Colo Colo (Ñgidol Toki Kolo-Kolo). Contudo, a inclusão real dos indígenas na vida política chilena não ocorreu de forma concreta, pois ainda eram vistos como inimigos “internos”, além da frequente imagem difundida de bárbaros indomáveis, pelas elites do século XIX.

É preciso ressaltar que esse discurso pode ser facilmente questionado, se nos amparamos nos estudos que matizam a suposta “inerente” belicosidade dos indígenas mapuche. Além disso, muitas imagens e textos enfatizavam a “liberdade”, por um lado, mas ao mesmo tempo, por outro lado, os viam como bárbaros, selvagens e/ou primitivos. Entretanto, havia outra bem difundida em que os associava “a um sujeito em trânsito à civilização”, que podiam se “salvar mediante a educação e a ação protetora do governo”. Em suma, defendia que os indígenas passariam por um período de incorporação paulatina ao mundo chileno homogeneizado e visto como civilizado (PINTO, 2003: 171).

Por fim, pode-se concordar com Pablo Neruda, ao assinalar que o Chile era uma “invenção” de Ercilla, pois a ênfase que o poeta espanhol concedeu para as relações e embates entre os indígenas da “Araucania” e os conquistadores espanhóis também ocultou, ainda que não completamente, os diversos outros povos indígenas que habitavam os territórios que se transformaram na República do Chile durante o século XIX.



Referências bibliográficas

- ALVARADO, Margarita; MEGE, Pedro; BÁEZ, Christian. *Mapuche. Fotografías Siglos XIX y XX. Construcción y Montaje de un Imaginario*. Santiago: Pehuén, 2001.
- ANTILLANA, Ariel; LONCON, César. *Entre el mito y la realidad, el pueblo mapuche en la literatura*. Santiago: LOM, 1998.
- AVARIA, Bárbara S. *Identidad y nación entre dos siglos. Patria vieja, Centenario y Bicentenario*. Santiago: LOM, 2008.
- AZÓCAR AVENDAÑO, Alonso. *Fotografía proindigenista: el discurso de Gustavo Milet sobre los mapuches*. Temuco: Ediciones Universidad de la Frontera, 2005.
- AZÓCAR AVENDAÑO, Alonso *et. al.* *Fotografía y Ciencias Sociales: la construcción del otro a través del discurso fotográfico*. Temuco: Ediciones Universidad de la Frontera, 2008.
- BÁEZ, Christian; MASON, Peter. *Zoológicos humanos: fotografías de fueguinos y mapuche en el Jardín d'Acclimatation de París, siglo XIX*. Santiago: Pehuén, 2006.
- BARROS ARANA, Diego. *Historia general de Chile. Los indígenas*. 2ª ed. Tomo I. Santiago: Editorial Universitaria, 1999.
- BERGER, John. *Mirar*. Madri: Blume, 1980.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- CHÁVEZ, Jaime Edgardo Flores. La fotografía como fuente para la historia de la Araucanía, 1860-1930. El caso de la fotografía sobre mapuche. *Revista Espacio Regional*, a. 3, v. 1, p. 65-74, 2006.
- CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. Caupolicán, Atahualpa, Aimberê e Cuauhtémoc: Índios Vencidos na Pintura Histórica Latino-Americana. *Portuguese Studies Review*, v. 18, n. 1, p. 203-232, 2010.
- DOMEYKO, Ignacio. *Araucanía i sus habitantes. Recuerdos de un viaje hecho en las provincias meridionales de Chile, en los meses de de enero i febrero de 1845*. Santiago: Imprenta chilena, 1846.
- FLORESCANO, Enrique. *Etnia, Estado y Nación. Estado sobre las identidades colectivas en México*. México: Nuevo Siglo/Aguilar, Económica, 2005.
- GRUZINSKI, Serge. *La guerra de las imágenes. De Cristóbal Colón a "Blade Runner" (1492-2019)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.



- LEDO, Margarita. *Documentalismo fotográfico. Éxodos e identidad*. Madri: Ediciones Cátedra, 1998.
- LEITE, Marcelo Eduardo. Fotografia e sociedade: algumas considerações sobre os retratos do século XIX. *SÆCULUM - Revista de história* [27]; João Pessoa, p. 259-268, jul./dez. 2012.
- LEÓN, Leonardo. *Maloqueros y conchavadores en Araucanía y las Pampas, 1700-1800*. Temuco: Ediciones de la Universidad de la Frontera, 1990.
- MAILHE, Alejandra. ¿Es posible conocer al otro? Indagaciones en torno a la relación entre fotografía y ensayo en *El México desconocido* de Carl Lumholtz. In: SOULAGES, François; SOLAS, Silvia (Comps.). *Fotografía y cuerpos políticos*. La Plata: Edunlp, 2011, p. 105-138.
- MONTEIRO, John. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NERUDA, Pablo. El mensajero. In: LAGUNAS, José Ramón (Ed.). *Don Alonso de Ercilla, inventor de Chile*. Santiago: Editorial Pomaire, 1971, p. 9-12.
- PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- PARENTINI, Luis Carlos. *Introducción a la etnohistoria mapuche*. Santiago: DIBAM, 1996.
- PEREIRA SALAS, Eugenio. Juan Mauricio Rugendas (1802-1858). Pintor de las Américas. In: RUGENDAS, J. M. *Album de trajes chilenos* [1838]. Santiago: Editorial Universitaria, 1973, p. 9-30.
- PINTO, Jorge. *De la inclusión a la exclusión*. La formación del estado, la nación y el pueblo mapuche. 2ª ed. Santiago: DIBAM, 2003.
- PINTO, Jorge. El conflicto Estado-Pueblo Mapuche, 1900-1960. *Universum*, Talca, v. 1, n. 27, p. 167-189, 2012.
- PINTO, Julio; VALDIVIA, Verónica. *¿Chilenos todos? La construcción social de la nación (1810-1840)*. Santiago: LOM, 2009.
- RUIZ-ESQUIDE, Andrea. *Los indios amigos en la frontera araucana*. Santiago: DIBAM, 1993.
- SUBERCASEAUX, Bernardo. *Chile o una loca historia*. Santiago: LOM, 1999.
- TURIN, Rodrigo. *Tessituras do tempo. Discurso etnográfico e historicidade no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.